

Avaliações sobre experiências de acessibilidade na deficiência visual **Evaluations about experiences of accessibility in vision impairment**

Adriana Nogueira Accioly Nóbrega¹, Mara Regina de Almeida Griffo²
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O presente estudo propõe uma reflexão acerca de aspectos de acessibilidade, a partir de uma conversa exploratória com a participante Rebeca, na qual emergiram desafios por ela enfrentados professora com deficiência visual. A arquitetura teórica, metodológica e analítica alinha-se à Linguística Aplicada Contemporânea em interface com os estudos de Avaliação e com o Sistema de Avaliatividade, integrante da Linguística Sistêmico-Funcional. Inspiradas pelo paradigma qualitativo de pesquisa, usamos os recursos do Subsistema da Atitude para o desenvolvimento de uma análise macro e micro discursiva acerca dos relatos avaliativos da participante. A análise dos relatos mostra que Rebeca avalia suas vivências nos domínios do Afeto, do Julgamento e da Apreciação, que ilustram a necessidade de uma postura mais ética que valorize o respeito à diversidade humana.

PALAVRAS-CHAVE:

Acessibilidade; Deficiência Visual; Avaliação; Sistema de Avaliatividade

ABSTRACT

The present study proposes a reflection on aspects of accessibility, based on an exploratory conversation with the participant Rebeca, in which challenges faced by a teacher with vision impairment emerged. The theoretical, methodological and analytical architecture is aligned with Contemporary Applied Linguistics in interface with the Evaluation studies and with the Appraisal Theory, part of Systemic-Functional Linguistics. Inspired by the qualitative research paradigm, we used the resources of the Attitude Subsystem to develop a macro and micro discursive analysis of the participant's evaluative reports. The analysis of the reports shows that Rebeca evaluates her experiences in the domains of Affect, Judgment and Appreciation, which illustrate the need for a more ethical posture that values respect for human diversity.

KEYWORDS:

Accessibility; Vision Impairment; Evaluation; Appraisal Theory

Recebido em: 12-07-2022

Aceito em: 17-11-2022

1. Considerações iniciais

Partindo da premissa de que o conceito de deficiência atravessa questões de idade, de gênero, de

¹ adriananobrega@puc-rio.br | <https://orcid.org/0000-0002-0194-0120>

² maragriffo@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-2303-5268>

raça, de condições econômicas, sociais e educacionais, as barreiras de acesso aos diferentes espaços precisam ser pensadas e repensadas para promover a inclusão de todos e todas. Com isso em mente, propomos uma reflexão acerca de alguns aspectos que podemos levar em consideração para tornar ambientes mais acessíveis para pessoas com deficiência. Mais especificamente, neste estudo, contamos com a colaboração da participante Rebeca³, professora de língua portuguesa, que traz em nossa conversa exploratória⁴ suas críticas, opiniões, experiências e vivências como pessoa com deficiência visual para refletirmos conjuntamente.

Nosso interesse por essa temática advém do fato de estarmos inseridas também como professoras em contextos educacionais inclusivos, o que nos motiva a buscar maiores entendimentos acerca de práticas pedagógicas, sociais, culturais e de acessibilidade que permitam a inclusão de todos e todas, seja na universidade, onde Adriana atua, ou na escola, onde Mara trabalha. Além disso, entendemos que olhar para as questões de acessibilidade junto com Rebeca nos possibilita ampliar nossos entendimentos sobre aspectos que perpassam as vivências cotidianas e as demandas daqueles e daquelas com qualquer tipo de deficiência.

A inclusão de pessoas com deficiência requer a atenção em relação à estrutura física do local, sendo o Desenho Universal⁵ “uma norma presente na legislação brasileira que determina o planejamento dos espaços, dos equipamentos, dos produtos e dos sistemas para o uso simultâneo das pessoas com características físicas, intelectuais e linguísticas diferentes” (SILVA, 2021, p. 608). O Desenho Universal se encontra ligado à acessibilidade (i) urbanística da cidade; (ii) arquitetônica dos prédios; e (iii) dos transportes. Contudo, também envolve possibilidades de “melhorar a qualidade de vida por meio da equidade, flexibilidade, intuição, percepção, segurança, facilidade e adequação”, conforme a autora já citada (2021, p. 608-609). Os princípios do Desenho Universal servem de base para eliminar as barreiras e para tornar os espaços mais adequados, contemplando não somente pessoas com deficiência, mas também idosos, crianças, gestantes, pessoas com baixa estatura, pessoas obesas, entres outros (SARRAF, 2015). Nesse sentido, o planejamento de corrimãos, maçanetas, iluminação, corredores, banheiros, mobiliário, ventilação, sinalização de degraus, rampas, elevadores, pisos táteis etc. tem por objetivo que os espaços sejam pensados de tal forma que possam ser acessíveis para o maior número de pessoas possível.

Quando pensamos em contextos sociais, além da acessibilidade arquitetônica, temos que

³ Rebeca é o nome fictício que escolhemos usar com o intuito de salvaguardar a identidade de nossa colaboradora de pesquisa.

⁴ O conceito de “conversa exploratória” será apresentado mais adiante, na descrição da metodologia.

⁵ *The Center for Universal Design: environments and products for all people*, disponível em https://projects.ncsu.edu/ncsu/design/cud/about_us/usronmace.htm

considerar a importância da acessibilidade comunicacional (SASSAKI, 2006), que se refere à eliminação de barreiras na comunicação interpessoal, seja oral, escrita ou virtual. Desse modo, Libras, textos em Braille, textos com caracteres ampliados, desenhos, gravuras, leitor de telas, áudio descrição e legendas são alguns dos recursos que dispomos para criar possibilidades de acesso intencionando promover mais possibilidades de inserção educacional, cultural e, conseqüentemente, social.

Das modalidades de acessibilidades descritas por Sasaki (2006)⁶, entendemos que a acessibilidade atitudinal abarca as práticas cotidianas de convivência com a diversidade humana, na qual o acolhimento de pessoas com deficiências é responsabilidade coletiva que envolve ética e valores. Nesse sentido, a criação de práticas, condutas, hábitos e comportamentos inclusivos é essencial para se ter um olhar direcionado à eliminação das barreiras visíveis e invisíveis no campo atitudinal.

Neste estudo, acrescentamos a acessibilidade cultural (SARRAF, 2018) às outras três modalidades citadas anteriormente, por pensarmos que a colaboradora Rebeca traz à tona questões que envolvem a cultura localmente experienciada por ela como pessoa que exerce suas funções profissionais, sociais e pessoais com autonomia e independência.

Assim sendo, o objetivo deste estudo é (i) coconstruir entendimentos acerca dos relatos da participante Rebeca, considerando aspectos de acessibilidade; (ii) observar e analisar de que maneira Rebeca avalia suas próprias experiências e vivências como pessoa com deficiência visual. Para dar conta de tais objetivos, selecionamos trechos de uma conversa realizada com Mara, segunda autora deste artigo, nos quais as modalidades de acessibilidade arquitetônica, comunicacional e atitudinal foram abordadas, e empreendermos a análise microdiscursiva das avaliações realizadas por Rebeca acerca de aspectos de inclusão a partir do uso do Sistema de Avaliabilidade (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR. et al., 2010).

Após discorrermos a respeito da acessibilidade, apresentamos, a seguir, a fundamentação teórica e analítica. Depois, descrevemos os passos metodológicos e o nosso posicionamento como pesquisadoras no que tange o desenvolvimento da pesquisa, a partir da seleção e análise de alguns trechos gerados durante a conversa entre Mara e a professora colaboradora. Por último, tecemos as considerações finais quando trazemos nossas reflexões a partir dos relatos avaliativos de Rebeca.

⁶ O autor propõe, no total, seis dimensões de acessibilidade em diferentes contextos, incluindo o educacional. Por uma questão de recorte para este artigo, trazemos apenas as três aqui mencionadas, mas sugerimos a leitura de textos do autor para o conhecimento das outras modalidades (SASSAKI, 2006; 2009).

2. Percurso teórico-analítico

Compreendemos a pesquisa qualitativa como uma modalidade de investigação que atravessa disciplinas e temas e que se situa a partir de uma determinada perspectiva e comunidade. Por ser esta uma pesquisa subjetiva e interpretativista, nosso olhar de pesquisadoras é filtrado pelas lentes da linguagem, do gênero, da classe social e da cultura, “guiad[o] por um conjunto de crenças e sentimentos em relação ao mundo e ao modo como esse mundo deveria ser compreendido e estudado” (DENZIN; LINCOLN; 2006, p. 34). Dessa forma, focamos na observação específica da conversa, por nós entendida como uma ocorrência sócio-historicamente situada que visa à construção de sentidos.

A maneira de fazer pesquisa à qual nos alinhamos é central para a Linguística Aplicada Contemporânea (MOITA LOPES *et al*, 2006), no que diz respeito à observação atenta dos acontecimentos cotidianos e ao registro do uso da linguagem em cenários sociais. Esta postura epistemológica envolve o entendimento de que o conhecimento é uma produção inacabada e provisória e que a neutralidade não existe. Isso implica reconhecer que o/a pesquisador/a realiza escolhas de acordo com suas crenças, preferências, interpretações e formas de entender o mundo, ou seja, “o próprio pesquisador é, em parte, personagem das histórias e das narrativas que colhe” (VELHO, 2011, p. 178).

Como já exposto, para a microanálise dos dados gerados na conversa entre Mara e Rebeca, faremos uso do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), ferramenta de análise textual que objetiva investigar as avaliações no discurso, a partir de um prisma interacional. Inscrito no arcabouço teórico, metodológico e analítico da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), o Sistema de Avaliatividade “se baseia em aspectos sociais e funcionais para conduzir investigações acerca da prática avaliativa” (NÓBREGA, 2009) e se encontra na interface entre a semântica do discurso e a léxico-gramática. Neste estudo, nos alinhamos a Alba-Juez e Thompson (2014) que entendem a avaliação como essencialmente interpessoal, socialmente construída e criada primeiramente para estabelecer solidariedade com o interlocutor. Ainda, para Thompson e Hunston (2000), a avaliação tem as funções de: (i) expressar opiniões de falantes/escritores e a compreensão de seus sistemas de valores e do contexto no qual se inserem; (ii) construir e manter as relações entre falante/ouvinte e escritor/leitor; e (iii) organizar o discurso.

O Sistema de Avaliatividade se divide em três subsistemas inter-relacionados – Atitude,

Engajamento e Gradação. A Atitude enfoca sentimentos e reações emocionais, enquanto o Engajamento lida com as vozes em relação a opiniões no discurso. Já a Gradação busca situar os fenômenos de acordo com a intensidade em que ocorrem. Por uma questão de recorte, usaremos em nossas análises apenas o subsistema de Atitude, uma vez que este se encontra no eixo das opiniões e abarca avaliações (positivas ou negativas e/ou explícitas ou implícitas) de Afeto, Julgamento e Apreciação.

O Afeto lida com os recursos léxico-gramaticais usados para a construção discursiva das emoções e se relaciona com a expressão de in/felicidade, de in/segurança e de in/satisfação, indicando seu comportamento emocional em relação às pessoas, coisas ou acontecimentos (MARTIN, 2001). Destacamos que, segundo Martin (2001, p. 147), o “Afeto pode talvez ser tomado como o sistema básico” por interligar os subsistemas do Julgamento e da Apreciação.

O Julgamento diz respeito aos elementos avaliativos referentes ao comportamento e se subdivide em estima social e sanção social. A primeira tem a ver com as avaliações de (des)prestígio e (des)crédito social, ou seja, julgamentos de normalidade (o quão a/normal, in/comum alguém é), de capacidade (o quão in/competente, in/capaz alguém é) e de tenacidade (o quão im/persistente alguém é). A categoria sanção social se refere a aspectos de veracidade (o quão des/honesto alguém é) e de propriedade (o quão ético/não ético alguém é). O Julgamento depende da posição ideológica do avaliador e está relacionado à moralidade, legalidade, capacidade, normalidade de acordo com a cultura, as experiências individuais e coletivas, as crenças, as suposições e as expectativas do avaliador.

A Apreciação trata da construção de avaliações de fenômenos semióticos e naturais, ligadas às qualidades estéticas, ou seja, para “construir avaliações dos produtos do trabalho humano, tais como artefatos, edificações, obras de arte, e também de fenômenos naturais e estados de coisas” (WHITE, 2004, p. 191). É organizada em três variáveis – reação, composição e valor. A primeira está relacionada ao impacto emocional provocado na pessoa, melhor compreendido pelas perguntas: ‘o quão isto chama minha atenção?’ ou ‘isto me agrada?’ A segunda, se refere à percepção da proporcionalidade e dos detalhes, entendida com as perguntas: ‘isto articula-se entre si?’ ou ‘é difícil entender/acompanhar?’ A terceira está ligada a nossa avaliação do significado social, com as perguntas: ‘vale(u) a pena?’, ‘é vantajoso?’

Reiteramos que o Sistema de Avaliatividade nos possibilita analisar aspectos de avaliação presentes no discurso da participante Rebeca durante a interação com Mara, o qual foi produzido em um contexto sócio-histórico-cultural específico.

3. Percursos metodológicos

Como já mencionado na introdução, escolhemos um nome fictício para que Rebeca tenha sua identidade preservada. Também, eliminamos qualquer informação relacionada ao seu local de trabalho ou endereço pessoal. Isso posto, o convite para que Rebeca participasse deste trabalho foi feito por áudios no WhatsApp®. Nas trocas de mensagens, Rebeca se colocou à disposição para um encontro, dizendo: “[...] a hora que você quiser a gente conversa sobre isso. Vai ser um prazer. Vou adorar” (áudio gravado em 05/03/22). No que tange aos critérios de ética da pesquisa⁷, redigimos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi enviado por e-mail para que Rebeca pudesse fazer a leitura do documento com o leitor de voz em seu computador. Antes de iniciar a gravação da conversa, a pesquisadora ainda explicou que o documento era uma exigência da Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CEPq/PUC-Rio) e perguntou se havia alguma dúvida ou questão que ela não estivesse de acordo. Rebeca mencionou que gostou do trecho presente no TCLE: “Acredito ter sido suficientemente esclarecida a respeito das informações sobre o estudo acima descrito, que li ou que foram lidas para mim”, destacando que o texto foi lido para ela usando um recurso de seu computador.

Durante a interação, Mara perguntou para Rebeca como poderia apresentá-la no trabalho e ela então respondeu: “[...] sou uma mulher de 49 anos, cega, eu sou legalmente cega, eu ainda percebo se tá claro ou escuro, mas eu sou cega [...] tive uma doença degenerativa aos 5 anos [...]”. Adicionamos que Rebeca é graduada em Psicologia e Letras - Língua Portuguesa, trabalha em uma escola da rede estadual desde 2005, em um município do Estado do Rio de Janeiro e, desde 2006, em uma escola da rede municipal de ensino na cidade do Rio de Janeiro.

O encontro aconteceu em maio de 2022, às 16h, presencialmente, na casa da Rebeca. O registro foi feito somente em áudio, usando um aparelho de celular e teve a duração de 52 (cinquenta e dois) minutos e 41 (quarenta e um) segundos. A transcrição foi feita com base nas convenções de Bastos e Biar (2015), conforme tabela no Anexo 1. Em seguida, selecionamos alguns trechos das falas da professora colaboradora para fazer parte do *corpus* deste estudo.

A interação gravada será aqui denominada de conversa exploratória (MILLER, 2001;

⁷ Este estudo encontra-se de acordo com a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, e está alicerçado no respeito aos participantes de pesquisas científicas envolvendo seres humanos, bem como no comprometimento ético, base do desenvolvimento científico e tecnológico. Ressaltamos que este artigo se vincula ao projeto de pesquisa coordenado pela primeira autora, que possui parecer da Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CEPq/PUC-Rio).

MACIEL, 2021) e não de entrevista pelos seguintes motivos: ausência de um roteiro com uma lista de perguntas pré-formuladas; respeito à agentividade da participante; flexibilidade dos papéis na busca por entendimentos mútuos; espontaneidade ao compartilhar vivências pessoais e profissionais. Nossa postura como pesquisadoras parte da ideia de que somos aprendizes únicas, já que “aprendemos e nos desenvolvemos de acordo com nossas próprias idiossincrasias” (ALLWRIGHT; HANKS, 2009, p. 5-7). Seja na posição de aluna, de professora, de pesquisadora, entendemos que nossa formação é um processo multidimensional que acontece em espaços educacionais, culturais e sociais, nos quais construímos sentires, saberes e conhecimentos conjuntamente, interagindo com as outras pessoas e com o ambiente.

Isso posto, passamos ao entrelaçamento das vozes teóricas com a voz de Rebeca, construindo uma análise microdiscursiva de seus relatos.

4. Análise dos relatos de Rebeca

Por entendermos que “a linguagem oferece mecanismos diversos para que atribuamos diferentes avaliações aos mais diferentes aspectos de nossas atitudes em nosso cotidiano” (VIAN JR., 2009, p. 111), selecionamos alguns trechos da conversa exploratória para a análise. Como veremos nos próximos excertos, Rebeca confere força às suas avaliações pelo uso de verbos, de adjetivos, de intensificadores e de recursos paralinguísticos ao se posicionar acerca dos temas abordados. Dessa forma, o Sistema de Avaliatividade, como ferramental de análise, nos possibilita analisar suas avaliações positivas e negativas e/ou explícitas e implícitas, no campo da emoção, da ética e da estética.

A acessibilidade arquitetônica, a comunicacional e a atitudinal, ligadas à cultura na qual Rebeca está inserida, são discutidas por ela, nos mostrando suas formas de entender o mundo.

Excerto 1 - Acessibilidade arquitetônica: “ônibus” e “piso tátil”

No fragmento destacado abaixo, Rebeca se posiciona criticamente acerca de questões que dizem respeito ao seu cotidiano, tais como usar transporte público e circular pelo bairro onde mora. Apesar de exercer suas atividades de forma autônoma e independente, com o uso da sua bengala como ferramenta/acessório de locomoção e deslocamento diário, notamos o quanto as barreiras arquitetônicas ainda são causa de dificuldades e impedimentos para as pessoas com deficiência.

Trecho da conversa - 6:10 – 7:35		
Rebeca	01 02	porque eu perce:bo >de repente eu posso até estar me estendendo< desculpa Mara
Mara	03	não: é isso mesmo
Rebeca	04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23	eu percebo que: as coisas não são preparadas vou levantar minha praia que é o deficiente visual pro deficiente né, vou falar do deficiência visual porque existe uma lei. mas as pessoas não procuram saber como adaptar aquilo da melhor forma possível né? >então por exemplo< os ônibus. o que acontece? o motorista tá na frente e a gente senta lá trás e o que que o deficiente visual precisa? desse contato de falar “olha tá hora de você descer”. “você vai descer no próximo ponto”. e ai o motorista tem que lá da frente berrar pro deficiente visual que tá lá trás perto da porta de saída e que muitas vezes ele é esqueci:do então você vê que as coisas não são assim preparadas pra pra receber pra ajudar pra auxiliar o deficiente, >são preparadas< porque elas precisam cumprir uma lei né? “ah tem piso tátil”. ótimo. o piso tátil tá grudado no meio fio perto de um bueiro em cima dele tem é: >sei lá< um poste o final dele é num ferro, cê dá de cara com um ferro >então tipo assim< não tem nada assim e a gente tá falando de uma coisa muito mais é:: abrangente né?

Rebeca faz uso da fala reportada como um “recurso intertextual que atende a objetivos interacionais específicos. Ao lançar mão da fala de outra pessoa, o narrador quer se construir, mas também quer construir o outro” (ABREU, 2018, p. 54). Nas linhas 11-12, Rebeca traz a voz externa de um motorista de ônibus imaginário, exemplificando de que maneira o profissional poderia ajudar uma pessoa com deficiência visual ao avisar sua chegada ao destino desejado – “olha tá hora de você descer”. “você vai descer no próximo ponto”. Dando continuidade, ela faz uma crítica ao comportamento dos motoristas em geral, expressando um Julgamento de estima social de normalidade “e ai o motorista tem que lá da frente berrar pro deficiente visual que tá lá trás perto da porta

de saída” (linhas 12-14). Ao colocar ênfase no verbo “berrar”, parece indicar o quão constrangedor pode ser para a pessoa com deficiência visual que fica dependente do motorista que, segundo ela, “muitas vezes ele é esquecido” (linha 15), o que pode causar transtornos ainda maiores. Nesse caso, ela faz um Julgamento de estima social de não capacidade do motorista de lembrar de comunicar ao passageiro ou à passageira com deficiência visual a hora de descer do ônibus.

Apesar de não explicitar a lei⁸, entendemos que Rebeca parece se referir às normas brasileiras de edificação, baseadas no Desenho Universal, já mencionado na introdução deste estudo. Assim, na linha 7, ela afirma que “existe uma lei” e na linha 18, diz “porque elas precisam cumprir uma lei né?”, indicando seu conhecimento acerca das leis que envolvem a acessibilidade. Mais uma vez, observamos que ela traz a fala reportada de uma figura imaginária para conferir credibilidade ao seu relato em “ah tem piso tátil” (linha 18-19), como uma possível justificativa para afirmar o cumprimento da lei, contudo, na prática, ela aponta que a existência do piso tátil nem sempre é funcional. Percebemos ironia quando diz “ótimo” (linha 19), pois o piso tátil nas calçadas parece não desempenhar a finalidade de orientar e de facilitar a locomoção por onde ela circula – “o piso tátil tá grudado no meio fio perto de um bueiro em cima dele tem é: >sei lá< um poste o final dele é num ferro, cê dá de cara com um ferro >então tipo assim< não tem nada” (linhas 19-22). Percebemos que Rebeca constrói implicitamente sua avaliação de Julgamento no domínio da incapacidade, uma vez que avalia negativamente os executores da lei e do planejamento da cidade onde vive. Podemos inferir que, para a professora-colaboradora, o objetivo dos pisos táteis é informar pelas diferentes texturas a rota a ser seguida. Desse modo, ela nos leva a concluir que o cumprimento da lei não é suficiente se não houver os cuidados devidos e a manutenção adequada para o funcionamento.

Observamos que Rebeca inicia sua fala, na linha 4, dizendo “eu percebo que: as coisas não são preparadas e completa seu pensamento nas linhas 16-18 então você vê que as coisas não são assim preparadas pra pra receber pra ajudar pra auxiliar o deficiente, >são preparadas<< porque elas precisam cumprir uma lei né?”. Entendemos que, mais uma vez, Rebeca faz um Julgamento explícito/negativo do comportamento humano no nível de estima social de incapacidade das pessoas e também de

⁸ O Decreto Federal 5.296/2004 deu força de lei ao Desenho Universal e à Norma Brasileira de Acessibilidade - NBR 9050 (ABNT, 2015) que tem o objetivo de estabelecer parâmetros técnicos de projeto, de construção, de instalação e de adaptação para edificações, mobiliários e equipamentos.

políticas públicas (feitas por pessoas) para atender as necessidades de locomoção de uma pessoa com deficiência visual, seja no transporte público, seja pelas ruas e calçadas.

Notamos que, em sua avaliação, Rebeca entende que a acessibilidade arquitetônica é apenas uma parte no processo de inclusão. Nas palavras dela – “a gente tá falando de uma coisa muito mais é:: abrangente né?” (linhas 22-23). A ênfase dada ao adjetivo “abrangente” traz força para sua avaliação implícita/negativa no campo da Apreciação por reação, uma vez que o item lexical se remete a edificações e estados de coisas (WHITE, 2004), e provoca um impacto emocional sobre a professora colaboradora, que ilustra o seu desagrado em relação às experiências por ela vivenciadas.

A escolha do adjetivo “abrangente” também mostra seu pensamento de que a inclusão de pessoas com deficiência está além da acessibilidade conforme proposta no Desenho Universal (SILVA, 2021), mesmo sabendo que esta é básica e deveria ser resolvida ou pode ser resolvida nos mais variados contextos sociais. Com certeza, temos tecnologia/material/capacitação para implantar pisos táteis nas calçadas, por exemplo. Então, o que falta? Podemos dizer que falta o cumprimento de uma lei que já existe. Falta um olhar para a diversidade humana. Falta respeito, cuidado e acolhimento. Tal postura é avaliada ao longo de todo o seu relato a partir da construções implícitas/negativas no campo do Afeto de insatisfação, que permeia os domínios do Julgamento e da Apreciação (MARTIN, 2001).

Nesse sentido, o posicionamento de Rebeca, como pessoa com deficiência visual, confere a ela força para criticar os pisos táteis das calçadas do bairro onde mora e circula, bem como o transporte público que utiliza para seu deslocamento diário.

Excerto 2 - Acessibilidade comunicacional/cultural: “miniaturas”

Neste trecho da conversa, Rebeca discorre sobre a importância do tato para pessoas com deficiência visual como forma de perceber o mundo e de sentir texturas, tamanhos, formatos e detalhes de características físicas das pessoas, dos objetos e dos lugares. Mais especificamente, se refere à sua curiosidade a respeito da imagem da Torre Eiffel e do Coliseu e como suas miniaturas poderiam ajudar as pessoas com deficiência visual a ter uma experiência tátil que permitisse a percepção de detalhes de obras do patrimônio cultural da humanidade.

Trecho da conversa 0:38 – 2:32		
Rebeca	01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14	por exemplo como eu descobri como é a Torre Eiffel, que vocês falam é linda é isso é aquilo mas vocês estão visualizando, né? muitas pessoas dizem assim “ah eu posso fazer um passeio pela Europa através da internet”. <u>ótimo</u> . realmente hoje em dia a internet veio pra facilitar isso só que <u>não é</u> essa realidade para o deficiente visual porque <u>mesmo</u> a gente viajando a gente tem que se prender a outros outros e: aspectos nesta viagem não só ao aspecto visual, lógico que muitas vezes não é sempre o deficiente <u>tá</u> viajando com alguém que enxerga então tem esse aspecto esse momento que ajuda “oh é assim é assado” mas nada melhor que você sentir então a Torre Eiffel eu descobri como era porque eu ganhei um chaveirinho
Mara	15	que lin:do
Rebeca	16 17 18 19 20 21 22	>então< eu pude tatear >entendeu?< e conversando com eles eu descobri me dei conta que tem várias coisas, é: o Coliseu como é o Coliseu ai eles estavam me explicando como é o Coliseu e outros não me lembro agora outros luga:res assim que são <u>tão conhecidos</u> que são <u>tão</u> falados né? que mesmo quem nunca viajou conhece porque vê através de uma foto porque vê:: é:
Mara	23	filme, né?
Rebeca	24 25 26 27 28	filmes <exatamente> vê em vários momentos né? >até porque assim< duran:te <u>o dia</u> nossas as informações setenta por cento das nossas informações são visuais então você imagina <u>como</u> o deficiente visual ele precisa se <u>adaptar</u> pra tentar dá conta dessas informações, né?
Mara	29	aham
Rebeca	30 31 32 33	então em relação a essa conversa que a gente tava tendo um deles coleciona miniaturas eu falei “gente é perfeito” porque é a forma que a gente tem de: sentir, de: perceber né?

Notamos que, mais uma vez, Rebeca lança mão do recurso da fala reportada para tornar seu relato avaliativo mais enfático em: “muitas pessoas dizem assim “ah eu posso fazer um passeio pela Europa através da internet”” (linhas 3-5). Ao trazer essa voz, ela problematiza as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência visual em relação ao acesso e à participação cultural, seja de forma presencial ou virtual. Pois, entendemos acessibilidade cultural como “um conjunto de adequações, medidas e atitudes que visam proporcionar bem-estar, acolhimento e acesso a fruição cultural para pessoas com deficiência beneficiando públicos diversos” (SARRAF, 2018, p. 27). Com esta fala reportada, com tom

avaliativo, interpretamos que Rebeca se sente excluída da possibilidade de viajar pela Europa de forma virtual, o que fica marcado em “realmente hoje em dia a internet veio pra facilitar isso só que não é essa realidade para o deficiente visual” (linhas 5-7). Na nossa leitura, ela realiza aqui uma avaliação por meio de um Afeto explícito de insatisfação.

Na sequência, ainda se referindo a viagens, Rebeca menciona a possibilidade de viajar com alguém que faça descrições “oh é assim é assado” (linha 12), contudo, esclarece que “mas nada melhor que você sentir” (linhas 12-13). Então, avalia de forma positiva o fato ter ganhado uma miniatura em forma de chaveiro que permitiu que ela, pelo tato, formasse uma imagem da Torre Eiffel. Mais uma vez, traz a fala reportada para enfatizar seu pensamento – “um deles coleciona miniaturas eu falei “gente é perfeito” porque é a forma que a gente tem de: sentir, de: perceber né?” (linhas 31-33), fazendo uma avaliação implícita/positiva no campo de Afeto de felicidade, sendo que sua descoberta tátil proporcionou a alegria de construir uma imagem mental da Torre Eiffel. Em relação ao chaveiro, miniatura da Torre Eiffel, ela o avalia positivamente indicando a construção de uma avaliação de Apreciação, no domínio da reação de qualidade, por ter gostado tanto que considerou “perfeito”.

Excerto 3 - Acessibilidade comunicacional/cultural: “obras de arte”

No excerto a seguir podemos entender, mais uma vez, a importância do tato para a pessoa com deficiência visual, quando Rebeca compartilha a possibilidade de perceber detalhes em obras de arte que a áudio-descrição sozinha não consegue contemplar. Tal oportunidade permite sua participação na vida cultural da comunidade na qual está inserida.

Trecho da conversa 13: 50 - 15:56		
Mara	01 02	ma::s com relação às obras de arte é:: assim como pintura
Rebeca	03	as telas?
Mara	04 05 06	as telas ou: fotografia também né? como você acha que poderia facilitar ou o que poderia ser <u>feito</u> pra ajudar?
Rebeca	07 08 09 10 11 12 13	pois é isso ai é uma coisa assim que: é: há alguns anos eu trabalho né? aqui no estado e eu fazia: dividia uma turma com uma professora de artes e ela fez uma coisa < muito legal > o que que ela fazia? ela fazia um trabalho em grupo com os alunos que eles tinham que botar acessível botar acessível pro deficiente visual as obras, as telas >então por exemplo< Tarsila do Amaral o que ela fazia? ah como é o nome daquela tela

	14 15	do pezão mesmo?
Mara	16	a:ba:p-
Rebeca	17 18 19 19 20 21 22	a:ba:poru. >então por exemplo< eu não sabia como era essa obra, ai o que que ela fazia? eles reproduziam a <u>imagem</u> não sei como <u>tá</u> ? não sei se era xerox ampliada ou se eles desenhavam e ai o que que eles faziam? eles botavam por exemplo era opção o que eles quisessem fazer tá uns botavam tipo uma corda um barbante ao <u>redor</u> dos traços da obra né? da imagem
Mara	23	sim
Rebeca	24 25 26 27 28 29 30 31 32 33	e: através disso eu conseguia ter a sensação <u>de como</u> é a obra >então por exemplo< o <u>cabelo</u> ai eles usavam um outro tipo de material pra fazer o cabelo, as nuvens eles usavam um outro tipo um algodãozinho, o mato eles usavam e assim através desse de uma forma muito simples e muito °assim° precária até >se parar pra pensar< e foi uma coisa tão <u>rica</u> Mara tão rica tão <u>legal</u> que eu comecei a ter acesso a várias obras mas aí ela mudou de horário e a gente acabou não dividindo mais turma e deixei de ter acesso às obras dela

Neste momento da interação, Mara pede para sua interlocutora falar sobre como tornar pinturas e fotografias acessíveis para uma pessoa com deficiência visual. Rebeca, então, relata que “dividia uma turma com uma professora de artes e ela fez uma coisa <muito legal>” (linhas 8-10), fazendo um Julgamento de estima social de capacidade da professora e de seus alunos em tornar telas famosas acessíveis com informações táteis.

Rebeca também avalia a atividade escolar pelo tipo de material usado como “muito simples e muito °assim° precária até” (linhas 28-29). Os adjetivos escolhidos por ela indicam uma Apreciação de composição de complexidade ao relacionar os materiais empregados: “corda”, “barbante” (linha 21) e “algodãozinho” (linha 27). Apesar da conotação negativa do termo “precária”, entendemos sua avaliação como positiva pois mesmo diante da simplicidade do trabalho produzido pelos/as alunos/as, ela pode fruir da obra clássica de Tarsila do Amaral e compreender a proporção do pé (“tela do pezão”, linhas 14-15) em relação à obra que a artista criou. Na linha 30, ela confirma a sua avaliação positiva, expressando um Afeto positivo de satisfação “e foi uma coisa tão rica Mara tão rica tão legal” (linhas 30-31), que é marcado pela repetição do intensificador “tão” e dos adjetivos “rica” e “legal”.

Chamou a nossa atenção que tanto o “chaveirinho” (linha 14 – excerto 2), no trecho destacado anteriormente, quanto a interação multissensorial com a “tela do pezão” (linhas 14-15 do excerto 3) possibilitaram que Rebeca formasse uma imagem mental da Torre Eiffel e da famosa

tela de Tarsila do Amaral. Os recursos usados exemplificam a acessibilidade comunicacional (SASSAKI, 2006), no sentido de que, ao tatear diferentes materiais, ela teve acesso a informações e pode construir conhecimento. Em outras palavras, as duas ações podem ser entendidas como exemplos de acessibilidade cultural (SARRAF, 2018), compreendidas como uma forma de participação social e de pertencimento na cultura a qual se encontra inserida.

Excerto 4 - Acessibilidade atitudinal: “perguntas básicas”

No que diz respeito às posturas atitudinais, Rebeca aponta o que pode ser feito e de que maneira, mostrando a importância da comunicação nas práticas sociais cotidianas. Ela nos ensina como agir com naturalidade e gentileza e também como é possível se colocar à disposição para ajudar ou oferecer ajuda a uma pessoa com deficiência visual.

Trecho da conversa 19: 57 - 20:59		
Rebeca	01 02 03 04 05	eu acho que falta um pouco de informação, falta um pouco de:: acho que informação mesmo né? ou até mesmo um pouco de sensibilidade de muitas vezes você não tem informação mas você pode virar pro deficiente e perguntar “como eu posso te ajudar?”
Mara	06	sim, uma pergunta básica
Rebecca	07 08 09	uma pergunta básica ((conversa com a filha)) é: então eu acho que falta isso, um pouco dessa dessa: o que que a gente tava falando mesmo?
Mara	10	desse acolhimen:to
Rebeca	11	é: desse acolhimento
Mara	12	de perguntar como posso te ajudar
Rebeca	13 14 15 16 17 18 19 20	°porque assim° <não saber> não é o problema porque as pessoas não estão acostumadas, elas não <convivem> com o deficiente visual todos os dias, né? >então assim< é uma pergunta básica em qualquer situação seja no museu seja na rua. “posso te ajudar?”. “você precisa de ajuda?”. “como eu faço pra te ajudar?”. né? e a partir daí acho que a coisa vai funcionar

Em sua avaliação, Rebeca pontua a ausência de informação e de sensibilidade no trato com pessoas com deficiência visual. Na linha 01, quando diz “eu acho que falta um pouco de informação”, realiza um Julgamento explícito de estima social que envolve uma crítica ao comportamento das pessoas. Contudo, ao dizer “ou até mesmo um pouco de sensibilidade” (linhas 02-03), ela situa sua crítica no campo da ética, realizando um Julgamento de sanção social de propriedade.

Ao indicar as perguntas que podem ser feitas com o intuito de oferecer ajuda para uma pessoa com deficiência – “como eu posso te ajudar?” (linha 5) e “posso te ajudar?”. “você precisa de ajuda?”. “como eu faço pra te ajudar?”. (linhas 18-19) – Rebeca nos mostra formas de agir e de acolher. No seu modo de pensar, as pessoas não têm que saber o que fazer “porque as pessoas não estão acostumadas, elas não <convivem> com o deficiente visual todos os dias, né?” (linhas 13-15), realizando, assim, um Julgamento de estima social no nível da incapacidade da interação com pessoas com deficiência visual. A inclusão de pessoas com deficiência nos mais diversos ambientes sociais envolve práticas de acolhimento e de atitudes que abrangem formas de tratar, de falar, de conduzir, de assistir, dentre outras que considerem o bem de todos e de todas. Nós entendemos que a acessibilidade atitudinal (SASSAKI, 2006) é a mais complexa e a mais sutil, pois diz respeito ao comportamento humano, em seu lado moral e ético, nas maneiras de pensar, de agir e de perceber o/a outro/a. Quando Rebeca indica as perguntas (linhas 5 e 18-19), compreendemos que devemos focar na individualidade da pessoa com deficiência e nas suas características específicas como ser humano, a fim de trazermos facilidade para a vida de quem necessita de algum tipo de ajuda para exercer suas práticas cidadãs de forma geral. As perguntas propostas pela professora-colaboradora nos auxiliam a compreender que devemos investigar de que maneira podemos ajudar a quem necessita de ajuda, conferindo, assim, sentido às nossas atitudes.

Considerações finais

No panorama reflexivo apresentado pudemos entender alguns aspectos da acessibilidade arquitetônica, comunicacional, cultural e atitudinal a partir da percepção da colaboradora de pesquisa Rebeca. Seu relato nos permitiu compreender que o conceito de acessibilidade é bastante amplo e que envolve um conjunto de ações e atitudes necessárias para contribuir com a inclusão de todos e todas. Diante do exposto por ela, a acessibilidade abrange questões macro, como políticas e investimentos públicos, bem como questões pessoais em um nível mais micro, as

quais se relacionam ao acolhimento individual e personalizado.

Ao nos debruçarmos sobre a conversa exploratória que trouxemos para este artigo observamos que a professora-colaboradora traz diferentes aspectos da acessibilidade, muitos deles talvez desconhecidos por quem não convive com a deficiência visual. As avaliações dos fatos considerados por Rebeca foram realizadas por meio instâncias de Julgamento (do nível ético do comportamento humano) e de Apreciação (do impacto e da complexidade dos artefatos mencionados), ambas perpassadas por instâncias de Afeto de in/satisfação e de felicidade. Desse modo, as análises que desenvolvemos alicerçadas no Sistema de Avaliatividade nos levaram a entender questões de acessibilidade e do fazer ético em relação às vivências de Rebeca. Podemos ainda considerar que foi possível ampliar nosso olhar para essas questões e para as práticas sociais que devem/deveriam valorizar e estimular o respeito à diversidade humana.

Por fim, uma consideração importante a ser feita é a necessidade de futuras pesquisas para aprofundar o tema, agregando outros saberes na construção de espaços mais inclusivos.

Referências Bibliográficas

- ABREU, A. R. *Desafios do magistério: a coconstrução de identidades em microcenas narrativas de professores da educação básica*. 2018. 191 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- ALBA-JUEZ, Laura; THOMPSON, Geoff. Introduction. In: THOMPSON, G.; ALBA-JUEZ, L. (eds.) *Evaluation in context*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 3-26.
- ALLWRIGHT, Dick; HANKS, Judith. *The developing language learner: an introduction to Exploratory Practice*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Norma Brasileira 9050-Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015.
- BASTOS, Líliliana C.; BIAR, Liana A. *Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social*. DELTA, São Paulo, v. 31, n. spe, p. 97-126, Aug. 2015.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acessado em julho 2022.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmet, 2006.
- HALLIDAY, Michael A. K.; MATHIESSEN, Christian. *An Introduction to Functional Grammar*. 4rd ed. London, New York: Arnold, 2014.
- MACIEL, Beatriz S. A. Quando “todo mundo aprende com todo mundo”: nos encontros, oportunidades de formação mútua. Rio de Janeiro. 260f. Tese de Doutorado – Departamento de

Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: appraisal systems in English. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). *Evaluation in text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MILLER, Inés K. Researching teacher consultancy via Exploratory Practice: a reflexive and socio-interactional approach. Lancaster, Inglaterra. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística Aplicada, Lancaster University, 2001.

MOITA LOPES, Luiz P. (Org.) *Por uma Linguística Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NÓBREGA, Adriana N. A. *Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociosemiótica*. Rio de Janeiro. 244f. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SARRAF, Viviane P. *Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015.

SARRAF, Viviane P. *Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência – benefícios para todos*. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 06, v. 01, p. 23-43, Jun. 2018.

SASSAKI, Romeu K. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SASSAKI, Romeu K. *Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação*. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SILVA, Jackeline S. S. O Desenho Universal como alternativa para o direito à cidade. *CONFLUENZE* Vol. XIII, No. 1, 2021, pp. 597-611, ISSN 2036-0967, DOI: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/13136>, Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne, Università di Bologna, 2021.

THOMPSON Geof; HUNSTON Susan. Evaluation: An introduction. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (eds). *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 1-27.

VIAN JR., Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

VIAN Jr., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (orgs) *A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230p.

VELHO, Gilberto. *Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento*. *MANA* vol. 17, n. 1, p. 161-185, 2011.

WHITE, Peter. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, 2004. p. 178-205.

ANEXO 1 – Tabela de convenções de transcrição

?	entonação ascendente
.	entonação descendente
,	entonação de continuidade
palav-	parada súbita
<u>sublinhado</u>	ênfase
PALAVRA	palavra em voz mais alta com muita ênfase
°palavra°	palavra em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada, reconstrução de um diálogo

Tabela adaptada das convenções de transcrição sugeridas por BASTOS e BIAR (2015), baseadas nos estudos de Análise da Conversação (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).